

(I)

Na casa de Julho e Agosto,
há muitos meses, anos, implantados,
e toda a gama de espíritos. Quando lhe percorro a fachada no
sítio do maciço de ortigas, penetro-lhe as paredes, fico no in-
terior da sua navegação, o que é singular para uma casa tão es-
pessa e pesada. Na última janela do ângulo direito,
que agora se mantém até ao cair da noite entreaberta, observo
a descida da cruz de toda a glória. O homem sentado, sem-
pre atento e ausente na presença, parece que ali esteve toda a
vida, e num caminho desconhecido. Sua mulher ocasional e
eterna era um fenómeno estritamente relacionado com a dis-
tância: frequentes vezes se perguntava qual seria a qualidade
da recordação. Ao pensar no Brabante em que se encontrava,
nos lugares e no tempo que deixara, a emoção sentida agora
parecia muito mais profunda e, sob certos aspectos, mais real
e aparentada com a realeza. O que se passara era o que fora
mais uma certa inconstância de energia, ou módulo, que dava
ao mínimo detalhe uma singular acuidade e amplificação de
sentido. No pátio principal empedrado, ervas daninhas, e doi-
das, cujos nomes só conhecia em língua estrangeira poly-
gale epervière tussilage laitue des murs secavam
para ser arrancadas; as teias de aranha, só esplendor de trama

e livres das domésticas associações de ideias, repousavam nas paredes esquecidas; por falar sobre o homem quando de homem e de sexo ia ser libertada, subiu lentamente as escadas e viu-o sentado à beira da mesa:

sem circum-navegação não há terra, mas ideia de terra.

(II)

Depois da partida de João, Müntzer, Nietzsche, Suso, Hadewijch, Eckhart, Médicis, Ibn Arabi e Al-Hallâj, diferentes tipos de pensamento invadiram a casa. Tinha acabado a leitura de «Às Damas do Amor Completo», e vários personagens se sentavam à mesa, A. Borges, ele próprio — Luís M., e as restantes figuras que, com as suas visões, definitivamente faziam desaparecer o sentimento de monotonia da vida na casa. Várias inteligências autónomas traçavam seu destino sobre os livros que fazia e que eram secundários, primordial era o registo de uma vibração pensante e reflectida num lugar e num material perfeitamente desconhecido. Sua eficácia não dependia da memória, mas do conhecimento. Olhando os escritores sentados à volta da mesa, verificou que este termo era vazio, e que suas imagens se definiam, sobretudo, pela posição do olhar, e pelo abandono da antiga forma de leitura e de escrita. Meditando sobre seus destinos verificou que o nada se aproximava, mas impotente. A longa narrativa que ia ter lugar não provinha da descrição interpretada de suas vidas, mas do evoluir de suas passagens íntimas que talvez viessem a coincidir, nalguns pontos, com a aventura universal, sua experimentação e fuga.

(III)

Entre eles estavam Jasmim, Marta e Maria. Jasmim é o ser da diferença. Apresentou-se a mim sorrindo porque acha natural tudo o que os seres diferentes dele fazem. É alguém com adolescência, e raízes na melhor idade da vida. Dir-se-ia que conhece o vazio do Paleozóico e tem uma noção do que são seiscentos milhões de anos. Contemplou dinossáurios, peli-cossáurios, tartarugas gigantes, e a inscrição antecedente do nada. Falou-me usando o silêncio e o sorriso. Estávamos, Luís M. e eu, esta noite que foi uma duradoura madrugada, sentados à mesa da água e dos símlices, em frente da chama baixa da vela e de duas imagens, o castanho tecido da toalha, e o rosado das chávenas.

— Chegou o momento de sair da História e ir viver no mundo de seiscentos milhões de anos — disse-nos sem usar qualquer forma de expressão. Estava envolto por uma grande quantidade de espécies, ele próprio era uma espécie rara; vivia só com essas espécies múltiplas, numa casa dando para um jardim, num jardim dando para uma casa. De cada espécie não havia mais do que um exemplar, e reconhecia-se à diferença a mesma evidência que ao indício.

(IV)

Luís M., terceiro eleito amante, viera há doze anos, mas se mantivera invisível como se estivesse por nascer. Agora, que ali tinha chegado, era o rumor do silêncio, e sua concentração lembrava João da Cruz, Eckhart. Para Ana de Peñalosa, a mocidade passava (dentro de quatro anos teria cinquenta anos) embora ela mantivesse a infância no rosto. Para mais, Marta e Maria viviam com eles. Marta realizava o desenho de Maria. Ou exactamente, os dez desenhos. Mulhe-

res que mudavam na visão de Maria, transcritos muitos ao de leve.

Ocorreram então curiosas coisas que estavam destinadas a impedir o decurso normal da nova anunciação.

(V)

nessa casa de longe onde habitualmente era feliz e bem imaginada, formaram-se vagas horas de uma grande tristeza; os dias avolumavam-se numa grande hierarquia a dominar; as pulgas abandonaram o corpo do cão Pedra e invadiram os quartos onde dormiam; sentiam-nas picar as pernas enquanto escreviam e mais uma vez (já assim foi o ano passado), as férias deste mês de Julho tentaram provar-lhes que são um lugar de ilusão. O trabalho da casa apresentava-se-lhe, a ela, como invencível, umas após outras as poeiras se acumulavam e lhe exigiam a poeira e o esforço mental de apagá-las; o jardim, numa pujança indescritível que nunca vira, rodeara Prunus Triloba para a queda; e não só isto a viera acabrunhar, mas também, subitamente, o desregulamento da sua vida financeira; quando descia à cozinha, os gatos recém-nascidos que trouxera para os salvar, com a gata, ora os amava, ora os detestava. Por sua causa desmobilara a sala de entrada, e seus pontos de referência e de repouso tinham-se apagado; à meia-luz abria o princípio da História de Portugal como se ela tivesse a ver com isto: «vales profundos e húmidos favorecem o isolamento», enquanto o tempo caminha até ao lugar onde Luís M. nascera.

(VI)

Ao almoço tinham-se dito que esta narrativa será também uma meditação sobre as raízes: terras incultas, paisagem de

montado, campos nus de cereais com pousios,
vinha, olival,
tudo isto via precipitado nas visões do Brabante que era uma
outra qualidade de terra; por isso se confundia, e seu monstro
aparecido em cada etapa da sua vida
espreitava a descoberta no meio de um sequeiro onde contar
era vago como um sopro.

(VII)

Maria e Marta ocupavam uma extensa sala de três janelas:
Marta precisava de toda a luz, Maria precisava de alguma
sombra; com as mãos em pousio permaneciam durante o dia,
embora estivessem livres para olhar e temer; Maria mudara de
vestido vinda do quarto do fundo onde a parede luminosa a
esmagava com a noite que caía. Marta sabia do que se trata-
va, conduzia a preciosidade das linhas.

Luís M. dava-se ao trabalho
sem nenhuma ilusão,
e Ana de Peñalosa escrevia
finalmente cansada de escrever
«na suspensa figura da parede, e por um dia de Julho muito
frio...»

(VIII)

Era preciso fazer o inventário, a relação dos bens deixados.
Dia a dia
se consome a prumo. As estrelas são a luz, cintilando não
morrem. Mas ela não é estrela. Ajoelhou-se junto da caixa
em que guardava os objectos de valor, sentou-se sobre os cal-
canhares esquecida das varizes que começavam a cruzar-lhe